

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

VITOR DIEGO GONÇALVES FORTI

**UM ESTUDO SOBRE O CEMITÉRIO:
AS EVENTUAIS INTERAÇÕES SOCIAIS E A PERSPECTIVA DO SEPULTADOR**

CAMPO GRANDE-MS
2025

VITOR DIEGO GONÇALVES FORTI

**UM ESTUDO SOBRE O CEMITÉRIO:
AS EVENTUAIS INTERAÇÕES SOCIAIS E A PERSPECTIVA DO SEPULTADOR**

Trabalho apresentado ao curso de bacharelado em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Humanas Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais. Sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Luiz Cruz e coorientação da Prof^a. Dr^a. Priscila Lini

CAMPO GRANDE – MS
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço a primeiro momento à minha família: à minha mãe, que me ensinou a importância que os estudos têm na minha formação enquanto pessoa e que para entender as pessoas é necessário possuir, sobretudo, sensibilidade; ao meu pai, que me mostrou dia após dia que o esforço por meio do trabalho é legitimador da honestidade e integridade de uma pessoa, a isso atribuo-lhe como exemplo; ao meu irmão e minha irmã que, assim como meus pais, acreditaram na possibilidade de eu iniciar e concluir meu nível superior apesar de nossas origens.

À minha avó materna, que através de toda sua trajetória de existência contribui em meus momentos de incerteza quanto às diversas situações a que sou submetido. Sua fé me protege onde só as orações de minha mãe não se fazem suficientes.

Agradeço aos meus ancestrais falecidos que me instruíram a partir do seu saber e que ainda me acompanham em vida. Aprender com os vivos é se preparar para a vida. Aprender com os mortos é compreender o porquê de haver vida.

Às minhas amigas de graduação, sem vocês boa parte de minha formação enquanto pesquisador estaria comprometida, agradeço também por entenderem quem sou, levarei por toda minha existência nosso comprometimento, cuidado e carinho uns pelos outros, encontrar vocês nessa vida foi um presente especial que me permiti possuir durante essa trajetória.

Aos funcionários do Cemitério Municipal Santo Antônio em Campo Grande (MS), sobretudo aos sepultadores, não é tarefa fácil confiar a outro suas próprias vivências, mas estes se mostraram solícitos e me permitiram estar em seu meio.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Ricardo Luiz Cruz, que através de suas aulas evocou minha busca por mais conhecimento, seus diversos conselhos e orientações contribuíram fundamentalmente à produção dessa pesquisa. Agradeço à minha coorientadora Prof^a. Dr^a. Priscila Lini, que instigou em mim o anseio em estudar o universo fúnebre, suas orientações foram necessárias para compreender a importância de minha pesquisa à sociedade,

agradeço essencialmente por me proporcionar novas possibilidades dentro da área antropológica.

À todo o corpo docente do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade de Mato Grosso do Sul, estudar sujeitos e suas relações em sociedade bem como tudo que permeia em seu entremeio é um trabalho árduo, por vezes intrinsecamente exigente, mas que foi muito bem guiado por esses profissionais. Concluo este curso com a certeza de que é muito mais que necessário a existência das ciências humanas para o existir.

Agradeço à oportunidade em ingressar no Ensino Superior Público por meio do Sistema de Seleção Unificada (SiSu), a educação é instrumento fundamental para garantir a legitimidade da existência de um sujeito, seja ela acadêmica ou simbólica.

Por fim, agradeço à vida, por me dar a oportunidade de estar com pessoas a que quero bem, poder manifestar meus sentimentos quando achar cabível ou me recuar em momentos necessários, experimentar novas possibilidades, ter novas experiências e me perder no caminho mas sempre adquirindo novos saberes.

Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos
Meu sangue latino
Minh'alma cativa

Rompi tratados, traí os ritos
Quebrei a lança, lancei no espaço
Um grito, um desabafo
E o que me importa é não estar vencido

Sangue Latino – Secos & Molhados

RESUMO

A materialização do imaginário fúnebre integra o campo físico através de símbolos, rituais e construções arquitetônicas, estas representações atribuem ao aspecto imagético significados culturais. O cemitério representa o espaço que concretiza esse processo, porquanto constitui parte das percepções sociais sobre o universo fúnebre. Para o presente estudo aborda-se a necrópole sob a perspectiva do 'sepultador', sendo este, sujeito fundamental do momento que finda a interação de um sujeito no plano tangível das relações sociais. A partir das percepções desse profissional é possível ressignificar o cemitério para além da visão do senso comum que o observa como um espaço extraordinário ao cotidiano social. Organizando o estudo sob prisma antropológico faz-se possível novas interpretações sobre o espaço cemiterial, para além de uma construção apenas destinada à deposição de corpos mortos, mas também como palco das interações sociais, perpetuação de ritos e crenças culturais que ali se manifestam.

Palavras-chave: imaginário fúnebre; sepultador; representação simbólica; rito fúnebre; cemitério.

ABSTRACT

The materialization of the funeral imaginary integrates the physical field through symbols, rituals and architectural constructions; these representations attribute cultural meanings to the imagery aspect. The cemetery represents the space that concretizes this process, because it is part of social perceptions about the funeral universe. For the present study, the necropolis is approached from the perspective of the 'sepultator', who is the fundamental subject of the moment that ends the interaction of a subject in the tangible plane of social relations. From the perceptions of this professional it is possible to resignify the cemetery beyond the vision of common sense that observes it as an extraordinary space for everyday social life. Organizing the study under an anthropological prism, makes it possible to form new interpretations about the cemetery space, beyond a construction only intended for the deposition of dead bodies, but also as a place of social interactions, perpetuation of rites and cultural beliefs that manifest themselves there.

Keywords: funeral imaginary; gravedigger; symbolic representation; funeral rite; cemetery.

RESUMEN

La materialización del imaginario fúnebre integra el campo físico a través de símbolos, rituales y construcciones arquitectónicas, estas representaciones atribuyen al aspecto imagético significados culturales. El cementerio representa el espacio que concreta este proceso, ya que forma parte de las percepciones sociales sobre el universo fúnebre. Para el presente estudio se aborda la necrópolis desde la perspectiva del 'sepultor', siendo éste, sujeto fundamental del momento que termina la interacción de un sujeto en el plano tangible de las relaciones sociales. A partir de las percepciones de este profesional es posible ressignificar el cementerio más allá de la visión del sentido común que lo observa como un espacio extraordinario a la vida social cotidiana. Organizando el estudio bajo un prisma antropológico se hace posible nuevas interpretaciones sobre el espacio del cementerio, además de una construcción destinada únicamente a la deposición de cuerpos muertos, pero también como escenario de las interacciones sociales, perpetuación de ritos y creencias culturales que allí se manifiestan.

Palabras-clave: imaginario fúnebre; sepultor; representación simbólica; rito fúnebre; cementerio.

INTRODUÇÃO

Compreende-se ao longo dos séculos uma transformação dos visões sociais a respeito da morte, atendo-se ao século XIX por meio do estudo de ÀRIES (1977), vê-se que muito anteriormente às atuais interpretações que a cultura ocidental têm sobre o universo fúnebre a morte era um fenômeno considerado parte integrante da vida e por consequência o momento do velório era pensado muito antes pelo então, defunto.

A partir deste estudo do autor (id.) observa-se transformações nas práticas de enterro no decorrer do tempo. A iminência da religião católica é principal responsável por simbolizar o local em que se sepulta o morto do século XIX, dentro dos espaços eclesiais, por conseguinte desenvolve noções sobre o fim da vida e o que acontece ao morto no plano intangível. Mas ao longo do tempo os espaços de sepultamento se modificam, as interpretações sobre a morte ganham novos significados e o morto passa a ser observado de longe.

A morte manifesta-se a primeiro momento por um corpo morto, as ações biológicas que compreendem essas etapas denunciam o fim da vida daquele indivíduo “a iminência da morte é manifestada quando o fôlego fica curto e o olho “vira” e fica branco” (Carneiro da Cunha, 1978 *in*: CASTRO, 2024: 82) subsequente a isso revelam-se outros processos naturais que são responsáveis por materializar a morte. Não somente vista como fato biológico a morte repercute também interpretações sociais e ao imaginário simbólico.

É a partir das significações atribuídas ao fenômeno morte que se constrói na sociedade um conjunto de percepções que atualmente promove um afastamento sobre o tema. Pensar em morte significa refletir sobre o fim da vida, expondo a uma vulnerabilidade individual, podendo somente observar a morte do outro o indivíduo passa a refletir sobre o próprio momento de partida, fato que evidencia as limitações a qual o ser humano está suscetível, é nesse sentido que surgem, a partir de abordagens religiosas, ideias sobre uma possível existência *post-mortem* (GUERREIRO, 2014: 175-176). Acerca deste tema trago também o estudo de SILVA, 2019 (*in* CASTRO, 2024) em que o autor aborda diferentes formas desenvolvidas pela sociedade para “afastar” a morte:

[...]Enquanto a imortalidade física não é alcançada, conquista-se a imortalidade simbólica. As consequências desse prolongamento da vida a todo custo, que despreza as dimensões da existência além da biológica, deixam de ser mensuradas. Assim, para evitar a morte, passou-se a investir em medicina, previdência social, segurança, alimentação. A supressão da morte remete, portanto, não às sensibilidades individuais,

mas à coerção social que passou a tratá-la como tabu (Silva, pág. 41, 2019 in CASTRO, 2024: 59)

É importante salientar que as noções sobre o tema promovem uma proximidade deste ao tabu, essa visão é consequência de intensas mudanças sobre a forma de interpretar a morte ao longo da história por entre a sociedade ocidental. Conforme ARIÈS (1977), a população francesa do século XIX vivenciou um tempo em que a cerimônia de velar um corpo moribundo era desde muito antes pensada pelo próprio defunto, a proximidade com o corpo morto era parte da cerimônia de aspecto público, assim a morte se apresentava como algo natural, inexorável a vida e interpretada de forma “domada” conforme o autor (idem) propõe.

Trazendo as formas contemporâneas de interpretação desse fenômeno analiso o estudo de MAUSS (1854) no início do século XX junto aos aborígenes australianos no qual o autor observa o ritual funerário que se caracteriza pela expressão de sentimentos, que se manifestam através de gritos, conversas com o defunto, choro e dança performada pela esposa do falecido; essas expressões buscam simbolizar a interpretação sobre a morte, porquanto compreender a causa dela (MAUSS, 1921 in OLIVEIRA, 1982: 147-153).

Nos anos oitocentistas a sociedade passa por mudanças significativas no que se entende sobre o morrer, os corpos mortos passam a representar a enfermidade dos vivos, logo, a transferência do espaço de enterramento desses restos mortais surge sob a necessidade de separar os vivos dos mortos causadas por questões sanitárias. Assim, as necrópoles passam a integrar o campo urbano e todo o sentido de enterrar o morto em espaço celestial passa a ganhar novas interpretações, o espaço é recebido no Brasil de modo conturbado, deflagra-se por entre civis ações de resistência contra a construção desses locais, sobretudo em razão do imaginário religioso desenvolvido anteriormente.

Denominado por alguns como a “cidade dos mortos” o cemitério é parte adjunta de um espaço urbano, construído para a finalidade de guardar aqueles que partiram da vida material, transforma-se em palco de cerimônia de despedida e práticas culturais, além de contemplar iniciativas higienistas em questões de preservação da saúde pública.

A migração do local de deposição dos corpos mortos para os cemitérios resulta em um espaço que recebe sujeitos de todas as classes sociais e de diferentes religiões, não permitindo uma diferenciação como a que antes de estabelecia quanto a proximidade ao altar das igrejas, conforme REIS (1991: 75-176) observa em seu estudo.

Uma primeira divisão se fazia entre o corpo, parte interna do edifício, e o adro, a área em sua volta. A cova no adro era tão desprestigiada que podia ser obtida gratuitamente. Ali se enterravam escravos e pessoas livres, mas muito pobres. [...] também sob o chão das igrejas os mortos se dividiam de maneira que refletia a organização social dos vivos

O ambiente do novo local que receberia os novos moradores moribundos precisaria se adaptar ao imaginário religioso da época, assim a partir da iconografia estudada por BORGES (2017) é perceptível o uso de diversos símbolos que tomam forma por meio de esculturas, imagens e construções, esses ornatos componentes ao espaço fúnebre expressam viés cristão perpetuando a proximidade entre mortos e figuras celestiais. No entanto, ali eles adquirem significado que permeiam ao imaginário fúnebre.

Estabelecido um breve estudo da morte na interpretação de culturas ocidentais e a mudança de espaço que guardaria os mortos, busco abordar ao longo dessa pesquisa o cemitério a partir de um espaço extraordinário ao cotidiano da sociedade, trata-se de uma interpretação carregada de sentidos em que a morte manifesta-se no local, produzindo a partir daí um afastamento desse ambiente, que por razão imagética, representa o morrer. Essa questão se apresenta através da forma como a morte é interpretada culturalmente, em que promove-se um distanciamento desse assunto; RODRIGUES (2020) discorre sobre a proximidade de um fenômeno natural como a morte ao tabu, para a autora este não é um tema que se dispõe a abordar em diálogos cotidianos, exemplifica ainda a partir da abordagem de Schopenhauer para também denotar sentidos de estranhamento que por consequência desagrega essa temática do convívio social.

Para interpretar o extraordinário ao ordinário utilizo o exemplo de RODRIGUES(1975) utilizado em seu estudo nele a morte como fenômeno cotidiano de um hospital torna-se um fato atípico em razão das formas que acontece: a morte “trágica” ou interdita, aquela que ocorre fora dos domínios institucionais, a qual o hospital não tem controle de sua razão e não pode promover um cuidado para evitá-la ou agir de forma paliativa. Nesse sentido, a morte que é algo comum ao cotidiano desse espaço torna-se um fenômeno fora de ordem.

O simbolismo pode trazer a esses aspectos considerados “anormais” em nosso cotidiano formas de interpretá-los sob outro ponto de vista, para isso Rodrigues (1975) relata uma experiência vivida em Ouro Preto em que ao adentrar a uma igreja nota a presença de duas portas, ao indagar o guia turístico este atribui a segunda porta a característica física e literal de sua ocupação. No entanto em seu escrito o autor atribui a esta uma interpretação mais simbólica em que muito provavelmente sua função teria o sentido de separar de um espaço religioso atos considerados não sagrados.

A partir desse fato, estudo o cemitério como pertencente a classe de espaços que podem adquirir nova interpretação simbólica, desvinculando-o da posição de um espaço excedente ao habitual, para isso é necessário também reconhecê-lo dentro de sua representação literal e objetiva. Espaço destinado a prática de sepultamento, a necrópole reflete bem mais que a essa

atribuição, não somente os muros construídos por tijolos e assentados com concreto contribuem para legitimar seu real significado, é de suma importância pensar nos indivíduos sociais que por ali passam ou que exercem laboriosamente atividades no local, em razão dessas vivências torna-se um espaço de interações entre vivos e mortos mas também de vivos para com seus pares.

Para a presente pesquisa realizo a coleta e organização dos dados levantados. A primeiro momento, sob a necessidade de me inteirar ao tema fúnebre e suas representações; utilizo livros e artigos publicados na área das ciências humanas, consulto bibliotecas eletrônicas de artigos como SciELO, repositórios de Instituições Federais e mecanismos de busca de textos acadêmicos como o *Google Acadêmico*.

Faço uso do método etnográfico junto aos sepultadores do cemitério, sob a finalidade de entender um pouco da rotina desses trabalhadores e como eles veem o cemitério que se configura como parte do seu cotidiano. Minhas observações de campo são registradas em meu smartphone, naturalmente torna-se necessário revisitar alguns textos a partir das percepções que vou desenvolvendo sobre o cemitério de acordo com meus interlocutores.

Os cemitérios¹ como espaço extra cotidiano: a perspectiva dos seus frequentadores eventuais

O cemitério surge no Brasil durante a segunda metade do século XIX após a proibição da inumação em igrejas pelas políticas higienistas. O ato de enterrar em igrejas refere-se principalmente ao significado atribuído através de preceitos cristãos ao espaço, jazer nas dependências desse local garantia aos mortos o descanso eterno próximo a figuras celestiais. No entanto a implementação de leis que proibiam o uso desses espaços para tal finalidade reverbera por entre diversos grupos civis que compõe um movimento contrário as ideias impostas, deflagrando assim uma resistência através da Cemiterada, como ficou conhecido o movimento ocorrido em Salvador, Bahia (OLIVEIRA, 2018).

As igrejas eram a Casa de Deus, sob cujo teto, entre imagens de santos e de anjos, deviam também se abrigar os mortos até a ressurreição prometida para o fim dos tempos. A proximidade física entre cadáver e imagens divinas, aqui embaixo, representava um modelo da contiguidade espiritual que se desejava obter, lá em cima,

¹Reservo-me a esta pesquisa em abordar cemitérios pertencentes ao perímetro urbano, devidamente regulamentados em questões administrativas de funcionamento, seja de responsabilidade gerencial pública ou privada. Importa reconhecer a existência de cemitérios clandestinos: espaços onde depositam-se cadáveres/remanescentes mortais de forma ilegal com a intenção de ocultá-los, assumem características particulares como o não registro da morte do indivíduo e o enterro em áreas ilegais sem qualquer licença de órgãos públicos.

entre a alma e as divindades. A igreja era uma das portas de entrada do Paraíso. (REIS, 1991, P.171).

A partir de uma contextualização do ambiente cemiterial será possível orientar essa pesquisa para melhor compreender esse local e as praxes simbólicas realizadas em seu interior, além daquelas que se difundem no lado de fora do cemitério e percorrem por entre a sociedade. Os ritos que tomam forma nesse espaço são frutos das crenças, culturas e religiões que constituem os saberes de seus atuantes e através de sua prática se perpetua pelas gerações.

Produzir este estudo sobre o cemitério reflete principalmente a possibilidade de nos aproximarmos desse espaço a que comumente se quer distância – a depender da crença de cada indivíduo – desde muito tempo interpretado pelo senso comum de modo estigmatizado em razão de sua aproximação à materialização da morte.

Para promover a reinterpretação desse ambiente fúnebre ao imaginário comum utilizo o estudo realizado por Rodrigues (2006) que caracteriza os ritos culturais como potentes manifestações no processo de perpetuação de uma cultura e por consequência na construção do sujeito dentro dela. Assim sendo, em *O Tabu da Morte* (1983) ²o autor denota sentido cultural ao rito de morte a partir da perspectiva de Morin (1970):

Estudar estes ritos é sociologicamente importante. A morte de um indivíduo é a ocasião em que o grupo, no mais amplo sentido do tempo, produz a sua reprodução, tanto nos planos cultural, simbólico e ideológico, como no plano das estruturas socioeconômicas. (RODRIGUES, 2006: 21)

De acordo com Morin (1976), práticas culturais só sobrevivem ao tempo a partir da perpetuação de ritos, assim o cemitério se apresenta como o local que ocorre a materialização de parte dos ritos de morte. Durante o sepultamento manifestam-se sentimentos entre os presentes que atribui a esse momento diversos sentidos culturais em torno da morte, a expressão por meio de choro, súplicas, lamentos expressam a dificuldade em aceitar a partida de um ente querido, este ato é carregado de significados que é transmitido às novas gerações a partir de um processo de construção no imaginário social em que a morte é vista como algo a se reprimir por entre culturas ocidentais.

As noções culturais em torno da morte não se manifestam somente a partir da expressão de sentimento no ato de inumação, após sua finalização permeia pelo cemitério os distintos significados atribuídos a ele. O espaço não se torna importante só em razão deste ato específico mas também através de outro ritos ali realizados, as ações que ocorrem após esses momentos

²RODRIGUES, José C. *O Tabu da Morte*. 1ª ed. 1983, Ed. Achiamé.

contribuem para seu significado por entre a sociedade, torna-se comum ver familiares de falecidos(as) realizando preces, orações, acendimento de velas, disposição de alimentos em superfície próxima a túmulos, entre outras práticas a depender de fatores religiosos e/ou culturais.

A morte [...] se dá a conhecer em suas expressões (rituais, cantos, orações, discursos fúnebres, [...] mitos, cinema, música, literatura, arte), dispositivos (tecnocientíficos, políticos), territórios (cemitérios, urnas, altares, aldeias), instituições (públicas e privadas de regulamentação e administração da morte e dos mortos) e grafias (escrita, desenhos, imagens, artefatos, gráficos). Expressões que são ao mesmo tempo materiais e simbólicas figurando a separação e a junção entre a morte e a vida e entre os mortos e os vivos.[...]os rituais funerários separam os vivos dos que morrem e recompõem as relações entre os vivos.[...]criam os sujeitos do acontecimento da morte e revestem de materialidade a dimensão metafísica da morte.(KOFES, 2020: 44-45)

Propor novos olhares sobre o cemitério não significa recusar o sentido da finalidade para a qual ele foi planejado, a deposição correta e legalmente realizada de cadáveres e restos mortais envolve respeito para com as famílias enlutadas além de estar diretamente ligado a questões ambientais de preservação. Em questões simbólicas o ato de sepultar materializa o fim da vida, o adeus, e faz perpetuar as possibilidades que sucedem no pós-vida em cada indivíduo, é também uma forma de dar sentido a existência daquele sujeito que permanecerá para sempre na memória das pessoas as quais conviveu durante a sua trajetória no plano tangível das relações.

Após essas considerações acredito ser de igual importância ressaltar os processos de interrupção desses ritos, a forma de enterramento coletiva em um mesmo espaço, não possibilita aos familiares a devida identificação de seu ente querido bem como a vivência do processo de compreensão da partida que é atribuído ao luto, a interrupção de vidas bem como o desaparecimento forçado rompe ritos e não respeita crenças em torno da morte.

Enquanto sujeito social adepto a crenças da religião católica e também influenciado por saberes de outras religiões de matriz no cristianismo tive impressões individuais acerca do cemitério como espaço de tristeza, saudade e, durante minha infância, medo entre outros sentimentos ao qual se promove a distância ao causador da sensibilidade em senti-los, que são passados a mim por familiares.

O receio acima mencionado surge justamente pelo espaço lidar com a morte, visto que a forma de lidar com esse fenômeno na cultura ocidental está interligado principalmente por crenças religiosas que alimentam o cerne do imaginário coletivo ao afastamento às representações desse fenômeno, replicando essa posição no que se relaciona ao universo fúnebre.

O dilema da finitude humana sempre fez parte do âmbito religioso, pelo que as religiões chamaram para si a questão da Morte e do Além, procurando, de alguma forma, a ligação ao Transcendente. Segundo a ótica religiosa, morre-se no momento escolhido por Deus. (GUERREIRO, 2014: 174)

A interpretação da morte como parte inexorável da vida é deixada de lado durante o processo de compreensão desse fenômeno, o momento de sepultamento torna-se intrinsecamente doloroso em razão do que o ato representa, o fim da vida, um processo difícil de ser assimilado a partir do espaço que a morte ocupa no imaginário social. Logo o cemitério é atingido pelo significado das ações que se manifestam em seu interior: a dificuldade em lidar com a morte, as interações entre os enlutados, e o último adeus ao seu morto, o que permite ao sujeito também refletir sobre a finitude de sua própria existência.

Pelas razões acima mencionadas a necrópole se torna um espaço extraordinário ao cotidiano das pessoas, ainda que essas se afastem desse lugar ou evitem sequer entender sua existência todos estamos sujeitos a compor seu interior algum dia, seja como visitantes em momentos de inumação ou prestação de homenagens a um ente querido como também quando passarmos a integrar esse espaço enquanto corpos sem vida.

Acerca dessas observações levantadas proponho analisar o cemitério a partir da perspectiva dos funcionários que exercem suas atividades laborais naquele espaço e que lidam cotidianamente com a dicotomia que eventualmente se estabelece entre a vida e a morte. Sobretudo, me atento a observar a profissão de sepultador que se configura não somente como funcionário do espaço e responsável por inumar e exumar corpos e restos mortais, mas também lidam diariamente com representações do luto pelos familiares dos que estão enterrados ali. Para a produção dessa análise realizo uma breve etnografia junto a dois sepultadores do Cemitério Municipal Santo Antônio, em Campo Grande (MS).

Na seção seguinte discorro sobre minha experiência no cemitério da Capital sul-mato-grossense que escolhi como meu local de campo, detalho um pouco das observações que fiz em momentos de estudo do local, minha intenção é aproximar o leitor a esse espaço através de fotografias e quanto às representações iconográficas que o compõe, além de expor a breve etnografia realizada junto aos sepultadores que contribuem com sua perspectiva individual sobre sua vivência no local.

Uma análise do ambiente cemiterial e a vivência dos sepultadores

O cemitério, assim como qualquer outro espaço público possui algumas medidas a serem adotadas quanto à pertinência de seu espaço em uma pesquisa como a que realizo, portanto, para a devida autorização da administração do local sigo alguns protocolos estabelecidos, detalhando os objetivos de minha pesquisa e a forma como incluiria os diálogos com os sepultadores e noções do espaço cemiterial que iria vivenciar.

Ocupar esse espaço a partir de algumas leituras realizadas na área das ciências humanas me parecia algo pouco complexo, os significados adotados nessas pesquisas voltava-se para um espaço de memória e importância histórica, a partir desses estudos fui refletindo internamente sobre um ambiente que até então me causava receio e por vezes, uma intrínseca tristeza em razão dos momentos presenciados por mim e que remete a todo o contexto em que me incluí. Ao adotar o método etnográfico proponho a despir-me dos conceitos formados em experiências anteriores e me atentar as propostas que se apresentarão ao observar o espaço e as percepções dos sepultadores.

Para a realização do estudo do local percorri pelos espaços do cemitério, observando as formas tumulares, percebo distintas características, algumas se impõem através de sua arquitetura grandiosa enquanto outros jazigos são menores e mais simples, essas construções revelam a diferenciação social em vida de quem está sepultado, seja pelo tipo de material utilizado ou pela própria notabilidade da construção se comparada a demais túmulos. A arquitetura antiga foi um aspecto de grande destaque durante minha observação, alguns mausoléus³ representam formas de concretizar mesmo após a morte as disparidades socioeconômicas.

Na presença de poucos transeuntes me deparei com um pequeno grupo realizando um singelo ritual: acender de velas no cruzeiro do cemitério⁴, o ato ajuda os vivos a compreender a passagem dos mortos, a chama da vela seria a luz responsável por guiar estes em sua passagem. As *figuras 1 e 2* abaixo posicionadas, ilustram esse ato realizado no Cruzeiro do Cemitério, por consequência dessa manifestação o local torna-se um espaço de intensa representação cultural e religiosa, no estudo iconográfico de ROSA(2022) a autora interpreta a

³Tipo de construção funerária que se impõe por suas dimensões e/ou proporções avantajadas; monumento funerário suntuoso que guarda os despojos de um ou mais membros da mesma família*. Torna-se característica destes monumentos o uso de diferentes materiais, variando de acordo com o poder aquisitivo da família do(a) falecido(a).

*Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mausoleu/> Acesso em: 11 de Nov. de 2025

⁴Monumento construído para a realização de práticas tradicionais de caráter religioso e/ou cultural, ali se manifestam o acender de velas, orações, deposição de alimentos em seu entorno, entre outras. A construção leva esse nome em razão do formato que possui, uma 'cruz', adquirindo aspecto significativo desse símbolo no ambiente cemiterial.

cruz por meio da abordagem de CATROGA (1999) tratando o aspecto religioso desse ornato que no campo fúnebre admite significados perante a morte

A Cruz agrega em si a simbologia da morte e ressurreição de cristo. Segundo a escatologia cristã, o filho de Deus foi morto, de morte na cruz, para que os homens alcançassem o perdão de seus pecados e também a vida eterna no cristo ressuscitado. Com isso, ela tornou-se o símbolo maior do cristianismo e a sua forte presença nos cemitérios aponta para a apropriação católica das necrópoles monumentais (CATROGA, 1999 in: ROSA, 2022: 1033).



Figura 1 – Fonte: acervo do autor, 2025



Figura 2 – Fonte: acervo do autor, 2025

Percorrendo por entre os espaços do cemitério observo que os túmulos possuem em sua maioria inscrições que apresentam a identidade do(a) falecido(a): nome, data de nascimento e data de sua morte, e a fotografia posicionada próxima a essas informações, outro marcador utilizado para compreendermos um pouco a vida do falecido são imagens e esculturas religiosas, como a de santos e anjos, a maioria dos túmulos possuem cruz no alto da lápide ou no topo do mausoléu o que evidencia a crença em determinadas figuras religiosas e a suposta religião de matriz cristã a que o falecido era devoto.

Considerando tratar-se de um cemitério secular é possível fazer distinção entre construções antigas e outras mais atuais. Na figura 3, abaixo posicionada, apresento um túmulo antigo com inscrições para identificação do falecido. É possível notar as marcas de tempo através do desgaste do material utilizado para a confecção do jazigo, a sujeira que penetra por entre as partes da construção revelam processos de longa duração sem a manutenção do mesmo,

a parte inferior direita quebrada bem como peças soltas como apresentada na lateral esquerda são traços que revelam a longínqua época no passado em que foi construído.



Figura 3 - Fonte: acervo do autor, 2025

Logo abaixo, na *figura 4*, apresento outros dois túmulos com óbitos datados há aproximadamente cem anos, estes possuem objetos religiosos, as esculturas em seus topos sugerem a adoração a imagens eclesíásticas. O uso de adornos denota sentido ao momento de partida e ajudam a compreender a ideia de morte atribuída àquele período (BORGES, 2017), - cruzes, laços, anjos e flores são ornamentos comumente encontrados no espaço cemiterial.

Na arte funerária, cada detalhe pode ser revelador, os laços [...]relembam o ato de amarrar algo, dessa forma, apontam para a união fraterna, matrimonial ou mesmo a construção de um elo entre o céu e a terra. [...] as flores estão atreladas a representações do ciclo vital pois nascem como um botão, desabrocham envelhecem e morrem[...] O anjo [...] está representado ali “como sentinela mediadora que vigia o corpo, anunciando o caminho ascendente para a salvação escatológica” (CATROGA, 1999, P.113 in ROSA,2022: 1042). (ROSA, 2022: 1035; 1038; 1042)

Ainda na *figura 4* é possível perceber no túmulo localizado à esquerda o lugar que a natureza vai assumindo nesse espaço: as plantas crescem em meio as rachaduras da construção através de suas raízes espalhadas pela terra compondo parte das transformações que se sucederam ali no decorrer do tempo. No jazigo localizado à direita a escultura quebrada se destaca pelo tamanho e imponência, esta simboliza um homem de pé com um bebê em seus braços, entretanto a parte que representa o rosto deste homem não complementa a obra, podendo

sugerir atos de vandalismo por meio da depredação, tal hipótese surge pois se fosse ocasionado por fenômenos naturais acredita-se que as esculturas de ambos túmulos estariam igualmente danificadas.



Figura 4 - Fonte: acervo do autor, 2025

Esse estudo do local e observações que achei pertinente me colocam a interpretar a memória histórica e social que o cemitério guarda, as formas tumulares, símbolos e rituais são fatores essenciais para dar sentido à importância simbólica desse espaço. A partir dessa análise inicial e fundamental ao objetivo dessa pesquisa me coloco a iniciar o contato com os sepultadores do local, a primeiro momento converso com Agenor, nome fictício, que me recebe prontamente. Agenor é funcionário do cemitério há pouco mais de um ano, possui entre 40 e 50 anos de idade, pele parda, no dia que conversamos estava vestindo uma camisa manga longa de malha fina, calça e sapato fechado, sendo item indispensável, o boné complementava as vestes dele.

Enquanto caminhávamos pelo cemitério Agenor me apresentava alguns túmulos de pessoas conhecidas através da história da cidade de Campo Grande – MS, explicando o projeto de visita mediada realizado, explica que a ideia do projeto é também contribuir para a proteção patrimonial do espaço, assim em túmulos de personalidades conhecidas regionalmente e

nacionalmente utiliza-se da tecnologia *QR code* que quando lido encaminha o visitante a uma página que possui informações sobre a carreira e importância histórica daquela pessoa.

Durante nosso diálogo sobre Agenor narra um dos principais problemas enfrentados pela administração do cemitério os atos de vandalismo praticado contra os túmulos, me apresentando alguns destes enquanto andávamos, me deparo com vários artefatos que adornavam estas construções visivelmente danificados ou retirados à força, ele explica que em razão do valor comercial do material utilizado para a confecção desses objetos a prática de furto torna-se recorrente naquele espaço. Fotografias de identificação do(a) falecido(a), seu respectivo nome, data de nascimento e data do óbito se faziam ausentes em alguns túmulos, a marca que se apresentava no lugar sugere a retirada de forma incorreta sem qualquer cuidado a fim de evitar a danificação do objeto ou do túmulo.

Nas *figuras 5 e 6*, posicionadas a seguir, ilustro alguns túmulos violados, o ato de furto torna-se evidente ao observar essas construções, em ambas figuras é perceptível a ausência de elementos que adornavam o túmulo através dos furos e marcas com formatos quadrados ou circulares denunciando que ali havia um elemento que já não compõe a construção.

[...]o cemitério [Santo Antônio, Campo Grande – MS] já foi alvo de vandalismo e furtos várias vezes, e a situação continua. [...]O local é constantemente usado como moradia improvisada por pessoas em situação de rua, e [...] por dependentes químicos. (FEITOSA, 2024)⁵

⁵ FEITOSA, Liliana. **Abandonado: imagens mostram cemitério Santo Antônio com lixo e depredação de túmulos.** Jornal Midiamax, Campo Grande – MS, 30 de Junho de 2024. Disponível em: ><https://midiamax.com.br/cotidiano/2024/abandonado-imagens-mostram-cemiterio-santo-antonio-com-lixo-e-depredacao-de-tumulos/><. Acesso em 18 de Out. de 2025.



Figura 5 - Fonte: acervo do autor, 2025



Figura 6 - Fonte: acervo do autor, 2025

Esses atos denunciam a falta de proteção do cemitério, Agenor menciona que a responsabilidade de segurança do cemitério é da Guarda Civil Metropolitana (GCM), no entanto o apoio prestado é por vezes falho, a comunicação com o órgão municipal de segurança é demorada e exige alguns protocolos a serem seguidos, como o registro do Boletim de Atendimento (B.A.) como primeira etapa a notificar a GCM, entretanto a demora no atendimento torna a atuação da equipe competente a essas situações ineficaz, outra medida orientada pela administração aos funcionários seria notificar a família para que registrem um Boletim de Ocorrência (B.O.) junto ao Departamento de Polícia da cidade, medida que na visão de Agenor pode demorar e por vezes ser extremamente burocrática, o que torna a situação e todo seu contexto ainda mais desconfortável aos familiares. Segundo meu interlocutor, a ampliação da altura do muro que percorre o entorno do cemitério seria uma outra maneira de garantir a segurança e preservação dos túmulos.

No entanto, nenhuma medida de reforço na segurança do local se coloca de forma efetiva, os coveiros se tornam responsáveis por também garantir a segurança do local, tarefa que deveria ser cumprida pelos órgãos públicos responsáveis a partir de protocolos vigentes pré-estabelecidos.

Essa abordagem a respeito da atividade exercida pelos coveiros ali no cemitério me possibilita questionar Agenor sobre sua rotina e as funções atribuídas a ele em sua profissão,

ele me descreve como sendo um trabalho relativamente tranquilo em razão dos poucos sepultamentos realizados neste cemitério (uma média de 10 a 15 por mês), algumas implicações que tornam o trabalho relativamente extenuante seria o esforço físico empregado ao realizar o processo de sepultamento e exumação (quando solicitado) intensificado pelo clima quente da capital sul-mato-grossense, que torna as condições de trabalho a céu aberto mais complexas, justificativa cabível a forma como ele e os demais sepultadores se vestiam.

Percebendo certa disposição de meu interlocutor a conversar comigo questiono-o a respeito de suas percepções sobre o cemitério e os sepultamentos por ele realizados, sobre o ambiente fúnebre o mesmo reconhece o espaço como abrigo de memória, mas entende o receio de algumas pessoas quanto ao local, narra uma situação em que duas garotas estavam prestes a entrar no cemitério até que uma delas se mostra receosa, após conversa com sua amiga as duas decidem não entrar, ressalta novamente a importância de ter uma segurança reforçada no local para garantir sua preservação; quanto aos enterramentos que ele realizou fala de forma bem natural a respeito dos sepultamentos de adultos, reconhecendo alguns casos em que se torna necessário, a pedido dos familiares do morto, abrir o caixão antes de iniciar o sepultamento para um último adeus, ao relatar o primeiro enterro de uma criança (sem informações exatas sobre a faixa etária) o mesmo diz que houve resistência por parte do pai da mesma, em que este não queria entregar o caixão da criança para a realização do sepultamento, Agenor descreve a cena de forma emotiva, em meio aos olhos cheios d'água conclui que foi um momento que ficou “para sempre” marcado em sua memória, conclui reconhecer a demanda emocional do seu trabalho mas que não demonstra expressões sentimentais durante a realização do processo de enterramento.

Para Agenor, conforme narrado acima, o cemitério é um espaço que guarnece as memórias das pessoas que se foram, reconhece que para alguns pode ser causa de estranhamento, mas sobretudo é seu espaço de trabalho, portanto observa que a postura adotada se dá em razão desse enquadramento. Para ele sua experiência ali também suscita a oportunidade em adquirir novos conhecimentos, novas práticas culturais que conheceu durante sua rotina de trabalho, como a lavagem de ossos com álcool por descendentes japoneses após exumação de seu familiar, outra observação feita por refere-se aos túmulos desses descendentes, as cores utilizadas para pintura das construções são vibrantes e se destacam em meio às demais construções no cemitério, perguntado sobre o significado tanto da prática de lavagem dos ossos como das cores utilizadas na pintura dos túmulos o mesmo diz não saber, mas que observa essas práticas cotidianamente. Abaixo apresento a *fotografia 7*, em que a descrição feita por Agenor é representada em alguns túmulos.



Figura 7 - Fonte: acervo do autor, 2025

Em outras idas a campo destaco um momento que me chama a atenção: um enterro sendo realizado por Agenor junto de outro Coveiro, aqui identificado por Caetano, este é um profissional do cemitério que pertence a faixa etária de 30 a 40 anos, robusto e com as mesmas vestes dos outros coveiros (camisa de manga longa com inscrições representando a Prefeitura do Município, calça, boné e sapato fechado). Observo de longe os familiares ao redor do túmulo que naquele momento estava sendo lacrado com concreto (mistura que utiliza cimento e água como base), a pouca expressão de sentimento entre os presentes me pôs a refletir sobre diferentes interpretações da morte como abordei durante este texto. Com o túmulo em processo final de selamento e posterior dispersão dos familiares me aproximo do local em que Agenor e Caetano ainda trabalhavam finalizando o processo de fechamento do túmulo. Inicio nosso diálogo relatando o comportamento dos familiares no momento do enterro, Caetano responde que em razão da alta classe social que eles integram a representação de choro não se manifesta, trata-se de um túmulo em que somente aquele indivíduo foi enterrado, logo ele compara a enterros de famílias menos abastadas, em que em uma mesma cova se depositam seus diversos integrantes. Relato que observei no momento que os familiares estavam próximos ao túmulo a presença de uma criança nos braços de uma mulher acompanhando todo o rito, destaco algumas crenças a que fui apresentado durante minha infância (o afastamento de crianças do espaço cemiterial), Caetano relata que não há essa diferenciação, é comum crianças de colo ou um pouco maiores frequentarem o espaço acompanhadas de tutores, narra que em certo dia, após a

realização de um sepultamento algumas crianças estavam espalhadas pelo local, seus responsáveis já se dirigiam a saída do cemitério quando ele os alertou sobre as crianças ainda estarem no local gerando uma situação cômica a seu ver. Segundo ele o espaço é utilizado por pessoas de diversas faixas etárias, mas também alerta para a prática de atividades ilícitas no local, como os atos de vandalismo, conforme abordado também por Agenor, que assente com o relato de Caetano, dizendo que o espaço já não possui o respeito que possuía em tempos passados.

CONCLUSÕES FINAIS

O estudo realizado em minhas idas ao cemitério e diálogos com os sepultadores me permitiu uma aproximação do espaço, passo a entender seu funcionamento, os processos burocráticos estabelecidos, a rotina dos sepultadores e suas reflexões, as construções que compõem esse espaço, os ritos religiosos realizados ali, e práticas culturais. Desse modo, o cemitério torna-se um espaço de conhecimento sobre a história de um local, seja pelas pessoas ali sepultadas e também pelas representações em esculturas e imagens, ali se perpetua cerimônias e rituais que são essenciais para a sociedade compreender o fenômeno morte enquanto fato cultural, é através dessas manifestações que as culturas alimentam suas crenças e as repassam para gerações futuras. Ao morto se prestam homenagens, reafirmando a importância desse indivíduo em seu meio social, assim o cemitério é um local importante que guarda os mortos da sociedade, sendo fundamental para a correta deposição dos corpos mortos, mas também um espaço de lembrança dos que se foram.

Como exposto anteriormente alguns atos rompem essa reflexão sobre o cemitério, o uso do local por usuários de drogas ou prática de furtos torna-se recorrente no campo em que estudei, esses atos refletem um desrespeito sobre o ambiente e seus moradores, exigindo das famílias medidas que visem garantir proteção contra a violação dos túmulos de seus entes queridos, assim matérias de menor valor são utilizadas nas construções, alguns túmulos já não são adornados por símbolos que possuem fundamental significado religioso, a partir desses fatos, perde-se grande parte do conteúdo que nos permite entender o passado e como a morte se localizava no meio social.

Os funcionários do cemitério são atores sociais de suma importância para propagar uma forma simbólica de construirmos um significado sobre o local. Minha interação com os sepultadores proporcionou novos modos de entender aquele ambiente que se torna parte de sua rotina e também a importância dessa profissão, é possível interpretar novas formas de entender

um espaço a partir das vivências estabelecidas neles, portanto, o trabalhador se torna um interlocutor fundamental em razão da sua familiaridade com o local. Observar as atividades por eles exercida reflete na sua proximidade com a vida e também com a morte, transitando por esses universos eles se tornam pontes essenciais que nos ajudam a entender o espaço e como um tema que permeia ao tabu pode ser compreendido diariamente através de suas representações. Ademais, em razão das funções atribuídas a essa profissão torna-se indispensável para a sociedade a existência desses trabalhadores, possibilitando entender seu papel social e o valor simbólico de sua profissão, representado através do respeito com os mortos e com os familiares enlutados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Philippe. História da Morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BORGES, Maria E. B. Arte Funerária no Brasil (1890-1930):Ofício de Marmoristas Italianos em Ribeirão Preto. 2.ed. Gráfica UFG: Goiânia, 2017.

CASTRO, Ycaro M. A. De. ESQUELETOS NO ARMÁRIO: uma breve etnografia sobre os coveiros do Cemitério Municipal de Diadema em São Paulo. [Trabalho de conclusão de curso] Niterói, 2024. 98pgs.

FEITOSA, Liliana. Abandonado: imagens mostram cemitério Santo Antônio com lixo e depredação de túmulos. [Reportagem] Jornal Midiamax, Campo Grande – MS, 30 de Junho de 2024. Disponível em: <https://midiamax.com.br/cotidiano/2024/abandonado-imagens-mostram-cemiterio-santo-antonio-com-lixo-e-depredacao-de-tumulos/> Acesso em 18 de Out. de 2025.

GUERREIRO, Emanuel. A Ideia de morte: do medo à libertação. *Diacrítica* [online]. 2014, vol.28, n.2, pp.169-197.

KOFES, Suely. O meu propósito era dizer a vocês que o enterro (não) esteve lindo. *Clima com cultura científica - Pesquisa, jornalismo e arte* , v. 17, p. 1/33, 2020.

MORIN, Edgar. O Homem e a Morte. Publicações Europa-America. 1976. (*Trabalho original publicado em 1970*).

OLIVEIRA, Leonardo. Da Igreja ao Campo Santo: O nascimento dos cemitérios e o monopólio da morte no Brasil do século XIX. *In: Histórias & Parcerias Encontro Internacional XVIII Encontro de História da Anpuh – Rio. 2018, Rio de Janeiro – RJ. Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: Histórias e Parcerias.* Rio de Janeiro – RJ, 2018.

OLIVEIRA, Roberto C. de. (org.) A expressão obrigatória de sentimentos (1921) in: Marcel Mauss: antropologia, (*Coleção Grandes Cientistas Sociais*). São Paulo: Ática, 1979.

REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991 (6ª reimpressão: 2012). 357 p.

RODRIGUES, Elisa G. Antropologia Mortuária: sentimentalismo contemporâneo acerca da morte. [Trabalho de conclusão de curso] Belém – PA, 2020. 66pgs.

RODRIGUES, José Carlos. Tabu do Corpo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

RODRIGUES, José Carlos. Tabu da Morte. 2ªed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

ROSA, Mariana A. de C. Testemunhos de Fé: a iconografia religiosa nos cemitérios piauienses. XIII Encontro Estadual de História – ANPUH – GO. Goiás, 2022. [artigo em conjunto de anais eletrônico] Disponível em: <https://anpuhgoias.com.br/periodicos/index.php/caliandra/article/view/106> Acesso em 18 de Out. de 2025